

# comunicação de guerrilha e cuidados digitais

ESTRATÉGIAS  
DE RESISTÊNCIA  
FEMINISTA

FÓRUM DE  
MULHERES DE  
PERNAMBUCO



COMUNICAÇÃO DE GUERRILHA  
E CUIDADOS DIGITAIS:  
ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA FEMINISTA

RECIFE, 2020

C741 Comunicação de guerrilha e cuidados digitais: estratégias de resistência feminista / Organizado pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco ; ilustrações de Tainá Palhano - Recife: Edições SOS Corpo, 2020.  
80p. ; il.  
ISBN: 978-65-87864-00-6

1. Movimento feminista. 2. Comunicação. 3. Cuidados digitais. 4. Estética feminista. I. Pernambuco, Fórum de Mulheres de. II. Edições SOS Corpo. III. Título

CDD 305.42

Elaboração: Bibliotecária e Documentalista: Sofie Teles – CRB-5\1901.

# sumário

Agradecimentos.....	6
Mensageiras.....	9
O Fórum de Mulheres de Pernambuco.....	11
Apresentação.....	13
Nossa metodologia e nossos encontros.....	19
Tecnologia, gênero, raça e classe.....	33
Comunicação, poder e tecnologia.....	39
Sentimentos de insegurança: como cuidamos disso?.....	45
Nós usamos as tecnologias ou somos usadas por elas?.....	51
A nossa militância na internet.....	57
As diferentes formas de comunicação na vida das mulheres.....	63
Estética Feminista: o que queremos comunicar?.....	67
Nossas potências e os desafios para a comunicação: quais caminhos trilhar?.....	71
Somos Todas as Mulheres .....	77

# agradecimentos

Para abrir os caminhos para esta leitura, queremos, primeiramente, agradecer. O que aqui trazemos em escrita é parte de um processo coletivo e afetuoso construído por nós, mulheres do Fórum de Mulheres de Pernambuco, ao longo de seis meses de oficinas de Comunicação de Guerrilha e Cuidados Digitais. Estas reflexões partem das experiências, sentimentos, poesias, artes e desafios partilhados em nossos encontros. Tentamos escrever os aprendizados desse processo nestas páginas para que continuem a semear ideias transformadoras.

Agradecemos a todas as companheiras que estiveram nesta caminhada. As que acompanharam todo o processo e as que chegaram para somar em algumas atividades. Agradecemos às companheiras que facilitaram as nossas oficinas: Cris Cavalcanti, Déborah Guaraná, Emanuela Marinho, Gabriela Falcão, Geisa Santos, Ianah Maia, Larissa Santiago, Neide Silva (Neidinha), Mikaela Nunes e Sophia Branco. Às queridas Elzanira da Silva, Isaura Gomes e Neidinha, por nutrirem, ao longo das oficinas, nossos corpos e almas com uma comida cheia de cuidados e afeto. Às companheiras responsáveis pelo registro das oficinas, Cecília Cuentro, Gabriela Falcão e Sophia Branco. E a Giovanna

de Oliveira e Priscilla Auilo, pela ajuda na mobilização e organização das oficinas.

Queremos agradecer também às organizações que apoiaram a realização das oficinas. À Fase e à Escola de Ativismo, pelo financiamento das atividades através dos editais “Agitando pensamentos: reagindo para transformar a sociedade” (Fase/Fundo SAAP) e “Oficinas de Cuidados Digitais” (Escola de Ativismo). Ao Grupo Curumim, por ter se responsabilizado pelo recebimento dos recursos. Em especial, à Neide Batista, que nos ajudou com muita paciência no processo de prestação de contas. Agradecemos também à Ana Correia, companheira do Fórum de Mulheres de Pernambuco, que também nos ajudou nos trâmites financeiros do projeto. Ao SOS Corpo e à Casa da Mulher do Nordeste, por liberarem pessoas das suas equipes para contribuir com a construção desse processo. Ao Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH), à Nona, a Ilka Guedes e Jéssica Barbosa, pelos espaços concedidos para a realização das oficinas. O apoio de todas vocês foi fundamental para que estas atividades pudessem ser realizadas.

A todas que semearam e compartilharam esse caminho juntas, o nosso obrigada!





# MENSAGEIRAS

O jeito de comunicar  
Cada uma tem o seu  
Vem da nossa existência  
O jeito que cada uma aprendeu  
Mas hoje tá diferente  
Depois que a tecnologia cresceu

Agora é preciso tá atenta  
Pra não gerar ansiedade  
Saber que tamo junta  
Mas respeitar a individualidade  
Essa é a chave secreta  
Pra seguir em coletividade

Mensageiras de um novo mundo  
Muito massa essa reflexão  
Buscar autoconhecimento  
Entender que a comunicação  
É uma arma poderosa  
Que precisa tá na nossa mão

O afeto, a amorosidade  
Nunca pode se perder  
A luta já é pesada  
Não podemos esquecer  
Seja no zap ou presencial  
O respeito tem que prevalecer

Cidinha Oliveira



# o fórum de mulheres de pernambuco

O FMPE é uma articulação feminista antirracista e anticapitalista de âmbito estadual, fundada em 1988 e ligada nacionalmente à Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). Surgiu da necessidade das mulheres de se organizarem na luta por seus direitos. Durante estes anos de atuação em Pernambuco, o Fórum vem trabalhando para a melhoria da qualidade de vida das mulheres, nos fortalecendo no exercício de nossa autonomia e incentivando a nossa participação em diferentes instâncias da vida pública, como nos espaços de participação política, de proposição e controle social de políticas públicas. No atual contexto de golpe jurídico-parlamentar e midiático, a nossa atuação tem se concentrado na resistência pela democracia, com formações internas, debates públicos, monitoramento dos serviços, fortalecimento de redes de militância e solidariedade, construção e fortalecimento de atos/intervenções de demarcação e afirmação das pautas feministas.



# apresentação

As oficinas de “Comunicação de Guerrilha e Cuidados Digitais: estratégias de resistência feminista” começaram a ser pensadas em meados de 2018. O projeto foi motivado por uma série de ações, inquietações e debates políticos que temos feito sobre comunicação, estética e acesso à tecnologia dentro do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

O FMPE e a AMB são espaços políticos muito diversos, construídos por mulheres negras, brancas e indígenas, lésbicas, bissexuais e heterossexuais. Somos mulheres de diferentes idades, profissões, classes sociais e escolaridade. Portanto, estes são espaços políticos construídos por mulheres que vivem contextos muito diferentes. As desigualdades que existem na nossa sociedade também estão presentes dentro desses espaços. A construção de estratégias de enfrentamento a essas desigualdades tem sido uma das nossas preocupações políticas, uma vez que entendemos que só assim podemos construir um projeto político que transforme profundamente a sociedade, contemplando as reivindicações de todas nós.

Existe entre nós uma grande desigualdade no acesso aos conhecimentos técnicos que envolvem o universo da comunicação. Isso faz com que a comunicação fique, na maior parte das vezes, nas mãos de mulheres jovens, brancas e com alta escolaridade. A inquietação e o desejo de mudar essa realidade nos levaram a pensar em formas de envolver mais companheiras nas discussões sobre estética e comunicação. Sabíamos que, para isso, precisávamos dedicar tempo para partilhar entre nós os diferentes conhecimentos e experiências que cada uma carrega. A construção dessas oficinas foi só um passo em busca dessa transformação. Não resolvemos todos os problemas que estão colocados, que são muitos, mas, ao longo desse processo, nos dedicamos a pensar sobre eles de forma mais aprofundada.

A ideia dos encontros não era que um grupo ensinaria às outras como mexer em determinada rede social, programa de computador ou celular. O que desejamos com esse processo foi construir espaços de partilha que pudessem fazer com que todas nós pensássemos sobre o que entendemos por comunicação, estética e cuidados digitais para que, assim, pudéssemos refletir sobre a forma como essas questões estão presentes nas nossas vidas e na forma como temos atuado nessas áreas no FMPE e na AMB. Queríamos pensar a comunicação como expressão das

nossas identidades e da nossa criatividade, como força do que somos e sonhamos. Foi por isso que também trouxemos para as oficinas debates sobre ativismo e estética feminista.

O ativismo tem sido uma ferramenta importante para os movimentos feministas. No FMPE, tem sido uma grande potência que reinventa continuamente a nossa cara e a nossa atuação. Ao longo dos nossos trinta anos de história, o ativismo esteve presente através de poesias, no teatro, performances, músicas, na Batucada Feminista, lambes e *stencil* de rua, nas artes das nossas camisas, lenços, cartazes e na forma como buscamos ocupar as ruas nos nossos atos. Para além de uma ferramenta de expressão criativa, a gente entende que a arte é um meio de vocalização das nossas lutas. Ela afeta as pessoas de formas diversas, sendo, por isso, uma forma de comunicação. Na arte, muitas companheiras que não se sentem confortáveis para falas públicas conseguem se expressar. O ativismo é, por isso, um meio de politização e fortalecimento para nós. Ele nos impulsiona a criar o que ainda não existe.

Na altura em que o projeto começou a ser concebido, já estávamos vivendo um momento de crise política no país. Mas, as coisas se agravaram ainda mais e, após as eleições de 2018, uma série de debates sobre segurança começaram a se intensificar

nos espaços de militância. Esse cenário nos deixou ainda mais atentas a respeito da nossa vulnerabilidade na internet, gerando sentimentos de medo e desespero em muitas companheiras. Afinal, embora a internet esteja muito presente em nossas vidas, em geral, sabemos muito pouco sobre ela. Esse contexto fez com que percebêssemos que não era possível pensar sobre comunicação sem aprofundar as nossas reflexões sobre os cuidados que temos na nossa atuação política. Por isso, juntamos as reflexões sobre comunicação e estética com discussões sobre cuidados digitais.

Queríamos fazer isso sem aumentar ainda mais o sentimento de medo e insegurança que normalmente envolve esse tema. O desejo era de que pudéssemos sair dessas oficinas mais fortalecidas e as ferramentas da pedagogia feminista foram fundamentais para que isso acontecesse. Poderíamos ter acesso a todo conhecimento do mundo sobre tecnologia e comunicação, mas esse processo não seria fortalecedor se não dialogasse com as nossas próprias vidas e se a gente não pudesse articular nossas experiências pessoais com os debates políticos que estávamos fazendo. Uma das coisas bonitas do feminismo é como a transformação política que construímos é, ao mesmo tempo, um processo de transformação do mundo e das nossas vidas. As ofi-



cinas estiveram muito conectadas a essa ideia e buscaram criar espaços de escuta atenta, troca de experiências e conhecimentos.

Percebemos que havia muitas coisas relacionadas à nossa própria atuação coletiva sobre as quais queríamos conversar, mas não encontrávamos espaços para isso. A metodologia da autorreflexão foi uma ferramenta importante para que a gente conseguisse trazer essas questões à tona e compreender os diferentes contextos que vivenciamos e como eles se relacionam com as nossas militâncias. As reflexões políticas apresentadas neste material são uma sistematização das discussões feitas por todas as participantes das oficinas. Elas não esgotam tudo o que discutimos e não refletem necessariamente a opinião de todas as participantes. São insumos para continuarmos o debate.



# nossa metodologia e nossos encontros

Nossa formação começou em fevereiro e terminou em julho de 2019. Em agosto, realizamos uma atividade de culminância do projeto, na qual pudemos exercitar alguns dos aprendizados. Foram sete encontros que aconteceram aos sábados, com duração de oito horas, e intervalos de mais ou menos um mês entre eles.

Todos os dias, iniciamos as oficinas com práticas de cuidado e autocuidado. Sabemos que todas nós temos rotinas exaustivas e, embora os espaços de atuação política exijam muita dedicação, acreditamos que eles devem ser também lugares em que possamos encontrar acolhimento e nos nutrir de força. Fizemos essa escolha para que iniciássemos as atividades dispostas e conectadas ao espaço e ao grupo. Em algumas oficinas, dividimos a programação dos encontros entre rodas de autorreflexão pela manhã e atividades práticas ou discussões técnicas à tarde. Em outras, nos dedicamos mais às atividades práticas.

Recolhemos os celulares das participantes na chegada. Essa é uma prática que tem sido comum em reuniões de mili-

tância tendo em vista a segurança dos espaços. No nosso caso, entretanto, fizemos essa escolha com o intuito de gerar reflexão entre nós sobre o uso que fazemos do celular. Ao fim de cada dia, conversávamos sobre como foi esta experiência. Depois de algumas oficinas, a ausência dos celulares deixou de ser um tema recorrente no final do dia, uma vez que fomos diminuindo a ansiedade de passar esse tempo longe deles.

Optamos, também, por não fazer nenhum grupo de *Whatsapp* ou lista de e-mails com o grupo. Passamos todo o material de conteúdo das oficinas presencialmente. Comunicamos e relembramos às participantes das datas de cada oficina por telefone na semana anterior. Fizemos essa escolha porque, apesar de sabermos a importância dessas ferramentas para agilizar nossa mobilização e comunicação, queríamos refletir sobre a forma como elas parecem ter se tornado imprescindíveis e também sobre outras questões envolvidas no seu uso frequente.

Na militância, assim como em outras esferas das nossas vidas, naturalizamos o hábito de criar grupos de *Whatsapp* instantaneamente para resolver qualquer questão que precisamos fazer em grupo, como se não fosse possível fazer as coisas de outra forma. Isso tem gerado um excesso de grupos e informação

nos nossos canais de comunicação, que tornam a nossa interação muitas vezes desgastante.

O aumento da dependência dessas plataformas, o temor e dúvidas com questões relacionadas à segurança digital e os relatos de ansiedade e outras doenças geradas pelo uso contínuo e desenfreado da tecnologia foram algumas das queixas que surgiram ao longo das oficinas. Por isso, fizemos essas experiências para que pudéssemos refletir sobre o uso que fazemos dessas ferramentas.



As oficinas seguiram a seguinte ordem:

**1ª Oficina**  
de Cuidados Digitais

**Os caminhos  
da comunicação**

**2ª Oficina**  
de Cuidados Digitais

**Messageiros**

**3ª Oficina**  
de Cuidados Digitais

**Respira, não pira**

**4ª Oficina**

**Estética Feminista**

**5ª Oficina**

**Design Manual**

**6ª Oficina**

**Design Digital**

**7ª Oficina**

**Comunicação**



# 1ª oficina de cuidados digitais: introdução ao universo das tecnologias de comunicação

Iniciamos a formação pensando sobre como a tecnologia entrou nas nossas vidas, qual é o nosso acesso e qual é a nossa relação com ela. Nesse mesmo dia, conversamos sobre as estruturas físicas (fios, cabos, máquinas, antenas etc) e as redes de poder que estão por trás dos nossos celulares, das redes de *wi-fi*, da nossa conexão de internet em casa, das redes sociais, dos aplicativos que usamos e por aí vai. Nessa oficina, surgiu uma enxurrada de dúvidas sobre internet e segurança. Fizemos um “estacionamento das dúvidas”. Algumas foram respondidas no final da oficina, em um momento dedicado a elas, e outras foram retomadas ao longo das oficinas seguintes.



# 2ª oficina de cuidados digitais: mensageiros

Em seguida, demos um passo atrás para conversarmos sobre a função primeira de toda essa parafernália tecnológica: a transmissão de mensagens. Pensamos sobre os meios que usamos ao longo das nossas vidas para nos comunicarmos e as relações que fomos criando a partir dessa comunicação. À tarde, fizemos alguns exercícios práticos nos celulares e com aplicativos de mensagens para aprender a limpar a memória dos nossos celulares e a mexer em algumas funções do *Whatsapp* como ocultar o horário da última entrada, ocultar a visualização das mensagens, apagar conversas, marcar mensagens preferidas para que não sejam apagadas quando limpamos as conversas e ocultar nossa foto para desconhecidos.

# 3ª oficina de cuidados digitais: respira, não pira

Nesta oficina, convidamos a *cyberativista* baiana Geisa Botelho, da coletiva Periféricas. Iniciamos com um exercício de respiração e um banho de folhas. Depois desse primeiro momento, fizemos um exercício para conversarmos sobre a quantidade de informações que as grandes empresas digitais coletam sobre nós. A partir da sua história de vida, Geisa nos falou dos principais riscos que corremos nas redes e como podemos nos prevenir deles. Depois de um bom almoço e descanso, voltamos com música e começamos a brincadeira “Balaio das Noias”.

Nessa dinâmica, as perguntas sobre tecnologia que ficaram estacionadas desde a primeira oficina foram sorteadas e respondidas (em até 3 minutos) pela nossa convidada. Tivemos também um momento prático em que aprendemos a visualizar, nas configurações dos nossos aparelhos, quais são as nossas informações que podem ser acessadas pelos aplicativos instalados nos nossos celulares. Por exemplo, vimos que alguns aplicativos de banco têm acesso ao microfone do celular, dentre outras coisas que não tínhamos conhecimento. Isso nos permitiu desabilitar o acesso às informações que não queríamos deixar expostas. Vimos que a tecnologia também pode ser utilizada ao nosso favor.

# 4ª oficina: estética feminista

Esta oficina introduziu um novo momento na formação, marcando a passagem ou o encontro do universo tecnológico com atividades mais criativas. Iniciamos o dia fazendo um exercício vocal e um exercício de expressão dos nossos sentimentos através de desenhos e pinturas abstratas, para soltarmos nossa criatividade e entrarmos um pouco no nosso mundo subjetivo. Na nossa roda de autorreflexão pela manhã, conversamos sobre como a criatividade está presente no nosso dia a dia, se nos sentimos criativas ou não e se é difícil pra gente se expressar criativamente. À tarde, nos dividimos em dois grupos para atividades práticas: uma oficina de artes visuais e uma oficina de paródias.

# 5<sup>a</sup> oficina: design manual

Pedimos para as participantes levarem nesse dia uma imagem que elas achassem bonita. Podia ser qualquer imagem, em qualquer formato. E levamos também algumas referências. Distribuimos as imagens pelo espaços e caminhamos entre elas. O grupo foi instruído a escolher alguma imagem que lhe chamasse atenção. Depois, conversamos sobre quais eram os aspectos daquela imagem que nos interessavam. Fomos anotando as características em tarjetas para construir um mapa de referências estéticas. No segundo momento da manhã, construímos uma linha do tempo do ativismo na história do Fórum de Mulheres de Pernambuco, retomando as nossas expressões criativas desde 1988 até os dias de hoje. À tarde, retomamos aquele mapa de referências estéticas construído no início da manhã, para consolidarmos entre nós que elementos podem nos ajudar a criar um cartaz, um zine ou um mural. Depois desse momento, fizemos uma oficina de criação de zines, em que as participantes foram divididas em quatro grupos e cada grupo produziu um zine.

# 6<sup>a</sup> oficina: design digital

Iniciamos o dia com o resgate da oficina anterior, com o intuito de relembrar o mapa de referências que havíamos criado e algumas dicas que podem nos ajudar na construção de materiais visuais. Conversamos sobre o fato de que, embora sejamos atraídas por coisas diferentes, o que nos chama atenção está organizado por algumas técnicas. Quando vamos produzir algo visualmente, recorreremos a essas técnicas, mesmo sem pensar muito sobre elas. Mas, também conversamos sobre a importância de ousar, experimentar e quebrar essas regras de vez em quando. Elas devem nos ajudar, mas não nos aprisionar. Conversamos também sobre o que é Design, o significado da palavra, a história do surgimento desse campo de atuação e as suas tecnologias. Depois, olhamos e discutimos algumas artes (*cards*, blusas, lenços) que já produzimos na nossa militância no FMPE. À tarde, tivemos uma atividade prática sobre como mexer no Canva, uma plataforma *online* de design. Em duplas, entramos juntas no *site* e fomos testando e aprendendo a mexer nas ferramentas.

# 7<sup>a</sup> oficina: comunicação

Por último, fizemos um exercício de planejamento estratégico de como construir uma ação pensando a comunicação, logística e finanças. Iniciamos com uma dinâmica de mímicas em que algumas participantes tinham que tentar passar uma mensagem para o grupo. Após refletirmos sobre a importância de pensarmos sobre o que queremos transmitir para as pessoas, as participantes foram divididas em quatro grupos. Ao longo do dia, cada grupo: (1) Escolheu uma temática para trabalhar; (2) Definiu três problemas em relação à temática que desejam enfrentar; (3) dentre os três problemas, escolheu um a ser enfrentado a partir da ação. A ação poderia ser para enfrentá-lo e/ou comunicar ou impactar as pessoas a seu respeito; (4) Definiu o público: Com quem queremos dialogar? O que desejamos comunicar? Quantos anos esse público tem?; e (5) O que a nossa ação quer comunicar. Antes de iniciar essas etapas, fizemos o exercício de pensar o que seria a nossa ação se ela fosse uma música, uma cor, uma frase, um sentimento, um animal, um objeto, um personagem ou um símbolo.





# tecnologia, gênero, raça e classe

Nós, mulheres, somos tantas e diversas, negras, brancas, gordas, magras, heteras, sapatão, bi. Somos trans e cis. Enfrentamos o mundo e vamos às ruas reivindicar nossos direitos. Somos mães solo e lutamos contra o machismo dos companheiros agressores. Feministas, fortes e, em meio a tanta pluralidade, nossos caminhos se encontram nessa busca por igualdade de direitos e combatendo as facetas da opressão. Para nos fortalecermos enquanto mulheres que enfrentam preconceitos, discriminações e violências, em busca de um mundo mais justo, precisamos nos conhecer e compreender a realidade umas das outras. As nossas vivências no universo da tecnologia também são diversas e a reflexão sobre os desafios que encontramos nesse espaço nos mostra que é preciso estarmos atentas a essa diversidade.

Nos últimos anos, presenciamos o ritmo acelerado no qual as tecnologias da comunicação avançam. Entretanto, para mulheres negras e periféricas, que se deparam com todos os

obstáculos possíveis e imagináveis, o tempo parece não ter tanta pressa. A internet chega através dos sinais de *wi-fi* gratuita, roteada ou nas *lan houses*. Comparando com as experiências da maior parte das mulheres brancas, que ainda muito jovens ganham seu primeiro *laptop*, a preta precisou ralar bastante e, lá por volta dos 40, 50 anos, consegue comprar aquele computador baratinho, de segunda mão, com baixa memória. Por falar em memória, há quem ainda se lembre do seu primeiro celular, aqueles tijolões, que todo mundo gostaria de ter mesmo sem

**<sup>1</sup>Os três segundos.** Quando algumas de nós tiveram acesso aos aparelhos celulares, no início dos anos 2000, as ligações com duração menor do que três segundos não eram cobradas. Nessa época, era comum fazer uma ligação rápida pra dar um recado sem dar tempo de cobrar ou ter uma conversa partida com uma amiga, dividindo o recado em várias ligações de três segundos.

condições de colocar créditos. Quando os celulares chegaram, muitas mulheres, para se comunicarem, faziam uso dos famosos **três segundos<sup>1</sup>**. Ou seja, sempre estivemos buscando os caminhos possíveis para termos acesso a estas novas tecnologias.

Hoje em dia, apesar do rápido avanço tecnológico das últimas décadas, a grande dificuldade é saber usar essas

tecnologias para o nosso benefício e, principalmente, de forma segura. Aplicativos, redes sociais e *sites* de relacionamento vêm adoecendo as mulheres. Crises de ansiedades e depressão vêm aumentando. Os *status* das redes sociais tomaram conta da vida cotidiana. Os cuidados com o nosso bem estar e com o bem estar das outras, às vezes, são esquecidos. Já que o mundo tecnológico pede pressa, não há tempo de parar para analisar nem mesmo se o que vai ser compartilhado é fato ou *fake*.

Nós, mulheres, não podemos nos deixar enganar. O universo tecnológico é dominado por um conjunto de homens brancos e capitalistas que governam o mundo. Eles não têm interesse no bem-estar humano, nem estão preocupados com as mulheres e sua inserção no mercado de trabalho na área tecnológica. Se não estivermos atentas, seremos usadas pelas tecnologias ao invés de as usarmos para os nossos interesses. Ao passo que, desde cedo, meninos são estimulados à prática de atividades que os aproximam desse universo, como por exemplo jogar *videogame*, meninas são estimuladas a brincar de casinha, reforçando estereótipos de papéis de gênero. Isso se reflete tanto no acesso reduzido das mulheres às tecnologias, quanto no menor número de mulheres atuando profissionalmente na área tecnológica. A questão racial, por sua vez, está atrelada à ques-

tão de classe e a ações discriminatórias. Além da dificuldade no acesso, há uma sub-representação das negras nesse mercado, que é reflexo de uma herança colonial na qual mulheres negras são preteridas para atividades ditas intelectuais.

A internet e as tecnologias não chegam da mesma forma para as pessoas. A falta de acesso a estas tecnologias diminui a nossa autonomia e afeta a nossa autoestima em um mundo que é cada vez mais digital. O acesso à tecnologia molda diferentes aspectos das nossas vidas, como as nossas trajetórias profissionais, e está ligado ao acesso a outros direitos básicos, como educação e informação. Não podemos esquecer que muitas mulheres têm muita dificuldade com a leitura e a escrita. Esse é um fator que atravessa completamente as suas relações com o universo digital e o seu acesso à informação. Precisamos olhar para essa realidade de forma crítica para compreendermos todas as desigualdades que atravessam o mundo das tecnologias.





# comunicação, poder e tecnologia

Existe uma infraestrutura por trás da internet que custa muito caro. Imagine que tudo que está no *Google* está numa pasta em algum computador. Se em Pernambuco existem fazendas de cana-de-açúcar, nos EUA o *Google* existe “fazendas” e mais “fazendas” de supercomputadores. Esses supercomputadores, que têm uma capacidade de armazenamento em rede, guardam as nossas informações que estão online. Eles guardam as informações que costumamos dizer que estão guardadas na “nuvem”<sup>2</sup> da internet.

<sup>2</sup>**Nuvem.** A “nuvem” é o lugar online onde ficam guardadas nossas informações e arquivos. Com a evolução da internet, os arquivos digitais ficaram cada vez maiores. Antes eles cabiam em disquetes, hoje lotamos pendrives e celulares com nossa memória digital. Interessados nesses dados, grandes empresas começaram a lançar serviços de armazenamento online para resolver nossos problemas de falta de espaço para armazenamento. Foi assim que surgiram os

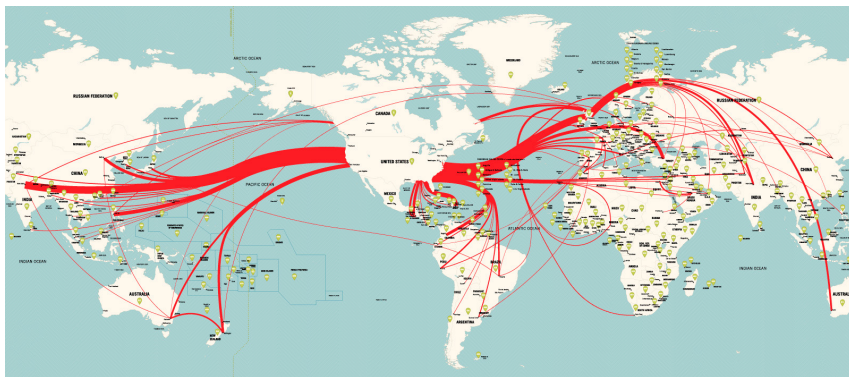
serviços de “nuvem” ou “cloud” (em inglês). Descobrimos que, assim como as nuvens de verdade, as nuvens da internet também chovem. Por exemplo, quando ouvimos falar que os nossos dados vazaram, é porque houve algum problema no sistema desses supercomputadores que armazenam os nossos dados. Pode ser um problema técnico, uma invasão hacker com intenção de roubar os dados que estão lá ou até mesmo uma decisão arbitrária do desenvolvedor de não fornecer mais o serviço.

Assim como o *Google*, o *Facebook*, *Netflix*, *Yahoo* e outras empresas gigantes da internet têm suas próprias fazendas de supercomputadores. Quando você vai viajar, precisa arrumar uma hospedagem, seja na casa de amigos ou familiares, numa pousada, *airbnb* ou acampamento. Para ter um lugar na internet, precisamos conseguir uma hospedagem também. O *Facebook*, *YouTube*, *Google*, *Wordpress* sustentam essas fazendas para que você hospede seus conteúdos na internet de graça. Em algumas situações, se criamos um site ou um aplicativo, também podemos contratar outros serviços de hospedagem pagos. É importante que a gente saiba que essas empresas que não cobram pelos seus serviços de armazenamento não fazem isso de graça. O que acontece é que, em troca de nos cederem espaço no mundo digital, elas capturam e vendem as nossas informações a outras



empresas. Essa é uma das formas através das quais elas lucram com os serviços que oferecem. Se o serviço é gratuito, o produto é você.

A tecnologia tem uma história, ela não começou na era do celular e do aplicativo. Nessa história, existe uma correlação de forças que se enfrentam em suas estratégias de dominação e resistência. Se olharmos com atenção o mapa da internet, entendemos que a informação segue o mesmo fluxo da dominação:



Mapa de Tráfego Global, 2010.

A internet funciona através de cabos de fibra ótica que atravessam oceanos e conectam usuários, através de navegadores ou aplicativos, a sites e serviços. No mapa a gente consegue visualizar o fluxo dessas conexões. Fica fácil de perceber que alguns lugares concentram a maior parte dessas conexões, en-

quanto em outros esses fluxos são bem menores. “Desde sempre” os canais de comunicação foram feitos para ligar os centros de poder a todas as outras partes do mundo. As estradas e trilhos de trem já seguiam essa lógica, transportando riquezas e informações. Depois, chegou o rádio e a TV, que levam mundo afora as mensagens produzidas por esses centros. Depois veio o telefone, o orelhão, a internet, o celular. Com o tempo, o telefone foi ficando mais acessível e “hoje” quase todo mundo carrega um aparelho no bolso. Por trás do entretenimento e do acesso a tantas coisas que essas tecnologias trouxeram, também havia e ainda há estratégias de dominação. Embora as tecnologias tenham se espalhado pelo mundo e sejam utilizadas por nós das mais diversas formas, o poder continua concentrado em poucos lugares. E esses lugares continuam tendo uma capacidade de influência muito grande no mundo.

Mas, a gente não pode esquecer que também existem histórias de resistência no mundo da tecnologia e da internet. Na internet, assim como em todas as esferas das nossas vidas, também tem gente organizada e militando para construir espaços mais justos. A militância da internet tem criado uma cibercultura que vem promovendo conhecimento e ferramentas voltadas para a construção de uma internet mais livre, democrática e anônima. Enquanto diretores e acionistas de grandes empresas digitais lu-

cram com a venda das nossas informações ou com a venda de programas como o Windows, Word, Excel e Power Point, equipes de ativistas da internet livre se juntam em coletivos sem fins lucrativos e buscam financiamento para o desenvolvimento de programas gratuitos e seguros.

Desta forma, não precisamos aderir necessariamente às grandes empresas para usar a internet. É possível buscar alternativas ativistas para os serviços oferecidos pelas empresas. Por exemplo, *Firefox* e o *Tor* são navegadores que podem substituir o *Google Chrome*. O *Signal* é um aplicativo que cumpre a mesma função que o *Whatsapp*, mas nos deixa mais protegidas. O *Linux* é um sistema operacional livre que pode substituir o *Windows*. O *LibreOffice* oferece de graça as mesmas funções que a *Microsoft* cobra caro para oferecer com o pacote *Office* (Excel, Word, Powerpoint etc.). Infelizmente, sabemos que nem sempre será possível usar todos esses aplicativos e programas, pois alguns ocupam muito espaço na memória interna de nossos celulares e nós nem sempre temos dinheiro para investir nos últimos lançamentos digitais. Mas, é importante saber que estas possibilidades existem e explorar as suas alternativas quando isso for possível.



# sentimentos de insegurança: como cuidamos disso?

O resultado das últimas eleições, em 2018, e o cenário que se instalou no Brasil depois disso disparou um gatilho de medo e ansiedade em grande parte da militância. Temos nos sentido muito inseguras, com medo de nos expormos politicamente quando vamos sair sozinhas, quando usamos adesivos, roupas vermelhas ou roupas que tenham os nossos dizeres políticos. Na internet, não tem sido diferente, instalou-se também o pânico de termos nossas conversas gravadas pelos celulares sem nossa autorização e sem sequer sabermos disso.

Várias dúvidas surgiram nos nossos espaços políticos e também nas nossas oficinas: Estamos realmente expostas à captura de nossos dados, das informações e arquivos que temos nos nossos celulares? Uma vez coletados, os nossos dados saem ou não da internet e quanto tempo continuam ali? Que robôs são esses que atuam em campanhas políticas? Em que medida estar na reunião com celular representa um risco? O que são *cookies*?

Existem legislações nacionais e/ou internacionais que regulam o armazenamento, vazamento e venda de dados? Há alguma fiscalização?

Essa preocupação toda não é à toa. Não sabemos exatamente para onde vão as nossas informações ou o que as empresas fazem com elas. Como fazer para não entrarmos numa paranoia de estarmos constantemente sob risco? Como nos comportamos para garantir uma segurança mínima no meio digital, seja individual ou coletivamente? Que estratégias devemos ter para lidar com a quantidade de informações e a diversidade de grupos em aplicativos como o *Whatsapp*?

Ainda bem que foram três oficinas para tratar dos nervos que fritaram, da mente que apertou, do suor que escorreu da testa quando entramos no tema da segurança digital. Começamos quase sempre as oficinas com exercícios de respiração e outras estratégias de relaxamento. Também usamos esses recursos no meio das conversas, quando estávamos precisando acalmar os ânimos. O que constatamos é que, antes de qualquer coisa, precisamos desenvolver estratégias para nos acalmarmos diante do cenário que está colocado.

Ao longo das oficinas, lidamos com muitas preocupações e aprendemos que o próprio termo “segurança” não se adéqua

a esse ambiente. Começamos a pensar, então, em “cuidados digitais”. Assim, passamos a cuidar primeiro do que estávamos sentindo em relação ao universo digital para, depois, encarar a importância de tomar determinadas precauções para ficarmos menos expostas e vulneráveis. Estratégias práticas como diminuir o tempo de uso de redes sociais, desligar as notificações e deixar o celular no silencioso foram algumas das ideias compartilhadas para diminuir a ansiedade na nossa relação com os celulares.

Parte do medo em relação aos riscos é também resultado do desconhecimento. Aprender um pouco mais sobre o universo das tecnologias foi importante para começarmos a nos sentir mais seguras. Passeamos juntas pelas configurações de alguns aplicativos e do sistema operacional dos nossos celulares. Aprendemos a utilizar as configurações do *Whatsapp* para aumentar a nossa privacidade, ocultando a nossa foto para desconhecidos, desativando dispositivos que mostram para as outras pessoas quando visualizamos as mensagens ou quando foi o nosso último acesso.

Descobrimos também que diversos aplicativos têm autorização para acessar nossas informações privadas, como e-mails ou contatos telefônicos. Além disso, quando os instalamos,

permitimos automaticamente que eles tenham acesso à nossa câmera e ao microfone do aparelho, podendo gravar conversas e tirar fotos a qualquer momento, sem percebermos. Mas, podemos tomar precauções. As configurações gerais de conta, de privacidade, de backup e de permissões podem ser alteradas sem causar danos ao funcionamento do aparelho e podem ser revertidas caso não gostemos do resultado. Fomos alertadas também sobre a importância de não deixamos as câmeras dos *notebooks* descobertas todo o tempo porque elas podem estar captando imagens sem sabermos. Toda essa parte prática também é importante para que, cientes de como muitas empresas operam para controlar nossos dados, tenhamos condições de diminuir a nossa exposição nesse ambiente.

Cuidar de nós mesmas na internet não significa apenas saber onde estamos navegando ou quem tem acesso aos nossos dados, nossas informações, nossas fotos. Significa também transformar a relação que estabelecemos com a internet. Se estamos expondo tanto as nossas informações, por que estamos fazendo isso? Será que não é melhor investir em uma relação de confiança com uma amiga para contar o que eu estou pensando ou sentindo, ao invés de me expor com uma postagem no *Facebook* ou *Instagram*? Será que não estamos deixando de so-



cializar presencialmente para ficar nas redes sociais? Será que não estamos criando uma dependência do celular quando checar mensagens é a primeira coisa que fazemos ao acordar?

Descobrimos que não é possível estarmos plenamente seguras na internet, mas, se pensarmos bem, também nunca estamos plenamente seguras na rua ou em outras esferas das nossas vidas. Nesse sentido, a insegurança não é só coisa da internet. Mas o que vamos fazer com isso? Vamos ficar escondidas em casa? Vamos deixar de sair na rua? Não. Essa não parece ser uma boa solução para lidarmos com os riscos. Da mesma forma, não devemos ficar paralisadas diante do medo da tecnologia. Ao invés disso, podemos ir fortalecendo a troca de informações nas nossas redes de militância.

Temos muito o que aprender sobre a internet e isso não vai acontecer do dia pra noite. Precisamos ter paciência para não entrarmos em desespero. Juntas, vamos construindo esse conhecimento e entendendo como utilizar as tecnologias com mais cuidado, descobrindo os riscos que corremos e aprendendo a controlar até onde queremos que as pessoas saibam sobre nós. Não vamos temer, não vamos nos esconder. Na internet, assim como no resto das nossas vidas, boas doses de coragem e autocuidado são necessárias quando estamos enfrentando o sistema.



# nós usamos as tecnologias ou somos usadas por elas?

Vivemos em uma época em que as tecnologias e os sistemas de informação estão bem presentes em nossas vidas. Já repararam quando a gente entra em um site e tem um aviso assim: “aceitar os termos de privacidade” ou uma mensagem alertando que o seu acesso permite que os “cookies”<sup>3</sup> sejam rastreados e acessados? Quantas vezes queremos ler um texto e só podemos depois de aceitar todos esses termos? Pois bem...

<sup>3</sup>*Cookies*. Os *cookies* são basicamente os nossos passos. A palavra *cookie* significa biscoito em inglês e ela é utilizada na internet como uma alusão aos rastros que deixamos por onde passamos. Algo parecido com aquela história de João e Maria. Quando um *site* diz que está armazenando os nossos *cookies*, isso significa que ele está gravando

todos os movimentos que fazemos naquela página: onde clicamos, em que partes paramos, até mesmo por onde passamos o *mouse*. O armazenamento dessas informações pode até parecer sem sentido para a gente, mas elas possibilitam que se trace um perfil de quem somos e dos nossos interesses. Elas são usadas para modelar o conteúdo que vemos e nos estimular para o consumo, por exemplo.

Todos os nossos passos digitais e também físicos são cada dia mais vigiados pelo Estado e pelas empresas, que vendem as nossas informações. Com a internet, ficou cada vez mais fácil saber quem somos, o que fazemos, quem conhecemos e do que gostamos. Basta colocar o nosso nome no *Google*, dar um *enter* e pronto, está tudo lá! Muitas dessas informações sobre nós são vendidas pelos donos das redes sociais em que temos contas, como *Instagram* e *Facebook*. Eles compartilham os nossos dados pessoais sem que a gente saiba.

Os nossos passos nas redes têm sido vigiados e isso faz parte de um projeto de dominação e controle das pessoas em escala global. O sistema capitalista, racista, machista e classista em que a gente vive constrói todo dia novas formas de nos controlar e de se apropriar do nosso tempo e do que fazemos. O controle sobre os nossos dados também serve às empresas para

que elas saibam como nos bombardear com propagandas de produtos para que a gente consuma cada vez mais. Está tudo bem amarradinho entre as grandes empresas e as práticas do Estado para vigiar, vender e, com isso, manipular e controlar os nossos desejos e os nossos passos.

Nesse contexto, como criar estratégias para vivermos de forma mais segura, em que possamos proteger pelo menos uma parte de nossas vidas? Como podemos construir relações mais seguras e saudáveis entre nós nas redes sociais?

Se, por um lado, as novas ferramentas de tecnologia como o “zap”, o *e-mail*, *Instagram* e *Facebook* nos aproximam, possibilitando a comunicação com amigas/os e parentes que moram longe, e a articulação das nossas lutas, o uso dessas ferramentas tem sido causadoras de estresse, sobrecargas e adoecimentos. As demandas de trabalho, da militância e da família nas redes sociais geram hoje uma nova forma de sobrecarga na vida das mulheres. Além das tarefas do cotidiano, com a casa, os/as filhos/as, o trabalho, as demandas e as exigências por respostas rápidas nas redes sociais têm sido uma nova fonte de angústia nas nossas vidas. Parece que precisamos caminhar mais aceleradas do que antes porque é tudo muito rápido e urgente.

O que o mundo exige de nós, nas redes, parece maior. Afinal, “todo mundo tem acesso ao celular e que besteira responder uma mensagem, é só uma mensagem”. Quem nunca ouviu isso? Mas, será mesmo que, por termos o celular ao alcance de nossas mãos, precisamos estar sempre prontas para responder? Esses fluxos cada vez mais acelerados têm impactado negativamente as nossas vidas, em especial as vivências das mulheres negras e pobres, cuja vida cotidiana já é sobrecarregada demais. A necessidade de respostas rápidas e as infinitas discussões nos grupos da família, dos amigos e, principalmente, da militância, tem deixado muitas de nós com altos níveis de ansiedade, angustiadas, sentindo-se engolidas pelo tempo, pelo celular e pelas demandas.

Ao mesmo tempo em que estamos envolvidas em diversas redes, temos também nos sentido sozinhas. A solidão da vida real e o tempo acelerado têm nos impedido de encontrar as pessoas, já que muitas delas também se conformam em se comunicar apenas pelas redes. E os abraços? E a troca de afetividade? O cuidado de umas com as outras que é verdadeiramente sentido no toque, na presença, no olhar e no cheiro?

É tempo de repensarmos as nossas relações com as redes para que não sejamos todas nós ainda mais dominadas por elas. A ideia é que a gente mude essa lógica, que a gente domine as

redes e suas ferramentas de forma segura, pois elas podem ser importantes no dia a dia. E não que ela controle - ainda mais - as nossas vidas. O capitalismo está aí, devorando tudo, mas ele ainda não consegue dominar os nossos afetos, as nossas trocas, a nossa resistência e as nossas potências. Acreditamos que está aí a nossa possibilidade de (re)criar alternativas de ser, sentir e estar no mundo.





# a nossa militância na internet

As tecnologias têm impactado as nossas vidas de várias formas e, com a militância, não é diferente. A popularização dos computadores e do *e-mail* já havia possibilitado novas formas de articulação política, principalmente, nas articulações regionais, nacionais e internacionais. Com a chegada dos celulares *smartphone*, o acesso à internet se popularizou ainda mais, chegando a pessoas que, antes, não tinham acesso ou hábito de usar o computador. Os celulares se incorporaram de forma muito mais profunda no nosso cotidiano. Isso tem ampliado os nossos es-

paços de disputa política, trazendo novas possibilidades e novos desafios para a nossa militância.

A popularização da internet fez com que ela própria se transformasse em um espaço de disputas políticas e de divulgação das nossas ideias. Vimos nos últimos anos o aumento dos debates em redes sociais, em *blogs* e, por último, também no *Whatsapp*. Tem sido cada vez mais comum ouvirmos algumas pessoas dizendo que aprenderam mais sobre determinado assunto na internet ou que ouviram falar de algum tema pela primeira vez através de algum vídeo ou texto recebido pela internet. Isso só ocorre porque algumas militantes têm se dedicado a produzir conteúdo político e disponibilizado esse conteúdo em *blogs* e páginas de redes sociais.

Ao mesmo tempo que temos ocupado esses espaços, nossos oponentes políticos também têm e, muitas vezes, os debates na internet podem ser muito desgastantes e agressivos. É importante que a gente reflita de forma estratégica sobre as potências da militância na internet e a forma como queremos estar nesses espaços para que a gente não perca de vista a importância de nos protegermos e cuidarmos da nossa saúde. Às vezes, uma conversa pelo *Whatsapp* tem a capacidade de nos deixar extremamente desgostosas.

O uso da internet na política não acontece apenas nos debates que temos para fora dos nossos movimentos. O *Whatsapp*, por exemplo, tem se tornado cada vez mais um espaço de debate e de organização dos nossos grupos e atividades. Mas, quais são os seus limites? As nossas desigualdades também se refletem nesse espaço e precisamos estar atentas a isso. Qualquer que seja o lugar do debate, a construção política feminista exige que a gente pense em formas de garantir a participação de todas, a escuta e o acolhimento.

Uma série de questões faz com que a participação no debate *online* seja diferente para as mulheres, de acordo com os seus contextos. As mulheres têm acessos diferentes aos aparelhos celulares e à internet. Diante disso, algumas podem participar das discussões a qualquer momento do dia. Outras, principalmente as mulheres negras e de classes populares, só podem participar quando têm acesso ao *wi-fi*. Diferente das reuniões, que têm uma hora marcada, no *Whatsapp*, o debate acontece a qualquer momento. Dessa forma, quem pode participar mais é quem tem mais disponibilidade no dia a dia e maior acesso à internet. Os nossos aparelhos também fazem com que a participação seja diferente, algumas companheiras têm aparelhos que funcionam rápido, têm memória boa e a tela grande. Tudo isso torna o ma-

nuseio do aparelho mais fácil, ajudando, inclusive, na escrita de textos mais longos.

A nossa relação com a escrita é outra questão central no nosso uso político da internet, porque ela é reflexo de muitas desigualdades que existem entre nós. Algumas companheiras se sentem mais à vontade do que outras para expressarem suas opiniões através de textos. Não podemos ignorar que, por trás do uso que fazemos da linguagem escrita, existem profundas diferenças de classe e raça. O que temos percebido é que, no *Whatsapp*, a voz das mulheres brancas e de classe média acaba sendo mais legitimada do que a voz das mulheres negras e de periferia. Muitas vezes, a fala de companheiras negras passam despercebidas nas discussões dos nossos grupos, sendo em vários momentos ignoradas ou tratadas “como menos importantes” ou “fora do contexto”, enquanto as falas das mulheres brancas de classe média acendem várias discussões e são sempre vistas como pertinentes, coerentes e “certeiras” em suas opiniões. Isso tem gerado muita angústia.

Se vamos assumir o *Whatsapp* como um espaço de debate político, precisamos fazer com que os nossos princípios políticos funcionem também nesse ambiente. É importante que a gente se sinta acolhida nos nossos grupos de debate e que, no meio de

toda aquela confusão de mensagens, a gente consiga ouvir umas às outras, respeitando a opinião e a forma com que cada uma se expressa. A comunicação escrita, por não estar associada a outros sinais, como o tom de voz e a expressão corporal, muitas vezes, pode ser mal interpretada. Às vezes, queremos dizer uma coisa de um lado e a outra pessoa recebe aquela mensagem de forma diferente do outro lado. Por isso, precisamos estar ainda mais atentas e sermos cuidadosas com as palavras que usamos para que possamos nos comunicar de uma forma não agressiva e acolhedora entre nós.



# as diferentes formas de comunicação na vida das mulheres

A comunicação não é algo que está necessariamente ligada às tecnologias, como muitas vezes pensamos. Ao refletirmos sobre a comunicação numa perspectiva feminista, a partir de nossas experiências vividas em diferentes contextos e gerações, voltamos ao tempo e percebemos que nossa comunicação era feita por bilhetinhos, por orelhão de ficha ou de cartão, por telefones fixos, cujas linhas custavam rios de dinheiro, sendo considerados verdadeiros bens.

Percebemos também que nós, mulheres, sempre estivemos de alguma forma no lugar de comunicadoras. Nas demoradas filas nos orelhões, era possível, mesmo sem querer, saber da vida da pessoa que estava em ligação. Nesse aspecto, não foi só pelo *Facebook* ou *Orkut* que passamos a expor detalhes sobre nossas vidas. Muitas trocavam bilhetes com quem se relacionavam. Quem mora ou morou no interior acabou sendo uma mensageira numa fase da vida ao dar o recado que os pais e as mães pediam. Vimos também que existem outras formas de mensageiros: o diário (o mensageiro de si mesmo), a alfaia na batucada, den-

tre outras. Havia um tempo em que nos dedicávamos a escrever cartas e isso envolvia o sentimento de afeto, o dedicar-se à mensagem. Às vezes, até nos reuníamos para escrever cartas juntas.

As cartas e os bilhetes envolvem afetos. Cada uma tem uma letra e um estilo diferente. Nos tempos atuais, nem ligações recebemos mais e, quando isso acontece, nos sentimos especiais. O *Whatsapp*, muitas vezes, faz com que nos sintamos sozinhas e pressionadas a responder de imediato. Ao mesmo tempo, ajuda a diminuir as distâncias, a falar com familiares que estão enfrentando momentos difíceis, a acompanhar o cotidiano deles. É uma das coisas saudáveis que a tecnologia nos traz. É preciso usá-la a nosso favor.

Hoje, na dinâmica das cidades, se não morarmos numa periferia, é muito difícil conhecermos os nossos vizinhos, as pessoas de nossa rua. Há uma desconexão entre as pessoas. Às vezes, conseguimos nos comunicar com quem está do outro lado do mundo, mas continuamos nos sentindo sozinhas. Mas, afinal, o que é comunicação? Será que também não é expressarmos o que sentimos? A expressão da força das mulheres, a nossa alegria e as cores também são comunicação.

Muitas de nós tivemos as nossas vozes silenciadas, vivenciamos situações em que as nossas palavras não tinham valor.



Falar de nós mesmas, de nossas vivências como forma de resistência, romper com silêncios históricos, sobretudo, na vida das mulheres negras com suas falas silenciadas e negadas, é comunicação. O espaço aberto nas rodas de autorreflexão foi fundamental para que conseguíssemos falar, desabafar, ouvir e sermos ouvidas. E, principalmente, uma oportunidade de partilha e acolhida, o que mostra a potência de pensarmos a comunicação a partir das práticas feministas.



# estética feminista: o que queremos comunicar?

Historicamente, a arte expressa a perspectiva das classes dominantes representadas pela figura hegemônica do homem branco. E, tudo que foge dessa categoria está à margem das representações. Daí, nos deparamos com dificuldades em encontrar uma arte que retrate a realidade das mulheres e dos demais grupos oprimidos e violentados pelo patriarcado. A arte configura um caminho que nos leva à visibilidade, à possibilidade de que outros grupos reflitam sobre nossas condições e reconheçam as opressões que sofremos diariamente.

É extremamente necessária a produção de uma arte a partir da nossa visão de mundo, que se comunique com as mais variadas formas, como zine, poesia, lambe, cartazes, bandanas... E que sigam os princípios de nossas experiências e afetos.

Uma arte desconstruída, questionadora, que represente existências fora dos padrões estabelecidos, como um lugar de diálogo e consciência política.

A construção de um espaço de acolhimento e ativismo feminista se faz partindo de mulheres reunidas com o propósito de compartilhar criatividade, ideias, experiências, saberes e reflexões para colocar a arte em prática. Somos mulheres que, por nossas condições, temos afinidades socioculturais e acreditamos que, juntas, somos mais fortes. E, de fato, somos.

Linguagens artísticas como as artes visuais, a música e a literatura atribuem forma a este espaço de interação, acolhimento e militância a fim de se alcançar a conscientização política através das suas manifestações de luta por respeito e igualdade de direitos. Dessa forma, a arte produzida por nós, mulheres diversas, viabiliza uma quebra de silêncios históricos na qual expressamos nossos questionamentos e nossa existência subjugada pelos valores machistas, racistas, classistas e LGBTfóbicos. Nos auto representamos na arte como forma de resistência, dizendo quem somos, de onde viemos, o que vivenciamos e qual o nosso lugar no mundo, seguindo firmes com nossas convicções e com nossa luta pelo que acreditamos ser justo e democrático.

Os processos criativos são construídos por meio da junção das nossas experiências, indagações, do que temos a expor, e de como podemos materializar tudo isso artisticamente, pintando um quadro, desenhando, fazendo poesia, compondo uma música, criando um roteiro de peça teatral, de um filme, e tantas outras formas. Construimos, assim, uma estética que nos representa e que transmite a diversidade de quem somos como feministas, contrapondo-nos à lógica patriarcal, capitalista e racista. Como exemplos disso, temos a Batucada Feminista do Fórum de Mulheres de Pernambuco, nossas performances em atos públicos, rodas de poesia em eventos, pichação, *stencil*, lambe e murais. Somos mulheres e fazemos arte.



# nossas potências e os desafios para a comunicação: quais caminhos trilhar?

Nós, mulheres, construímos, desde muito longe, diversas formas de nos comunicar, criamos estratégias para falar de assuntos difíceis, e também quando não podemos nos expressar abertamente. Seja nas cozinhas como lugar de acolhimento de parentes e companheiras em situação de violência, seja pelo nosso olhar, pela expressão no rosto, num bater de palmas ou de tambor. Desde sempre, criamos estratégias inovadoras e revolucionárias para nos comunicar. Como as mulheres negras que, enquanto escravizadas, trançavam os cabelos com as rotas

de fuga para os quilombos, ou as companheiras que ainda hoje usam o “apitaço” como forma de chamar atenção na comunidade quando uma mulher está sofrendo violência. Mas, muitas vezes, não acreditamos que o que fazemos é comunicação, pois o mundo das tecnologias e das comunicações dominado pelos homens brancos, ricos, cis heterossexuais, nos exclui e padroniza as formas de comunicar em seus modelos prontos e conservadores.

Diante desse contexto, é interessante cada vez mais nos (re)apropriarmos das nossas formas de comunicar, longe desse padrão estabelecido. Através do ativismo, do design manual, das zines, dos lambes, dos sons que ecoam a nossa força com as Batucadas Feministas, como a do Fórum de Mulheres de Pernambuco, e os nossos gritos de desordem. Somos comunicadoras e todas essas formas fazem parte de nossas histórias. Nos (re)apropriarmos dessas ferramentas pode nos ajudar na difícil tarefa que é comunicar o que queremos para mulheres que estão fora de nossos espaços de militância, utilizando da nossa forma criativa, ousada, afetiva e corajosa para alcançar a quem desejamos comunicar.

E (re)pensar as formas de comunicar para fora é, antes de tudo, (re)construir a nossa comunicação por dentro dos movimentos, combatendo linguagens, expressões e formas de co-



municar excludentes, racistas, silenciadoras e invisibilizadoras das falas das mulheres negras e periféricas. Os desafios de comunicar para fora são muitos, mas antes, é necessário que os enfrentemos por dentro. De que forma eu me expresso? Qual o lugar das mulheres negras na comunicação? E, na militância, suas vozes são acolhidas ou atropeladas pelos “três minutos padrão”<sup>4</sup>?

Somos muitas, diversas e desiguais em nossos lugares no mundo. Como refletir para fora essa pluralidade? Pensar nas diferenças que existem entre as mulheres que estão dentro dos movimentos pode ser um caminho para (re)criar

<sup>4</sup>O que chamamos aqui de “três minutos padrão” é o tempo contado que, normalmente, organiza as nossas falas nas reuniões. Temos um desafio pela frente para encararmos de forma criativa. De fato, os três minutos podem ajudar a fazer com que mais mulheres participem, já que permite que o tempo seja dividido de forma mais organizada. Por outro lado, ele também gera tensionamento para algumas de nós. A forma como nos expressamos nem sempre cabe nesses poucos minutos e, com isso, muitas demandas, angústias e ideias acabam não encontrando espaço nas nossas reuniões. Como podemos lidar com isso?

e alcançar a multiplicidade lá fora, até porque não existe dentro e fora de uma forma separada, mas sim fronteiras que tentamos constantemente ultrapassar para nos acolher e nos comunicar.

Esses caminhos podem nos ajudar na construção de práticas entre nós, feministas, mais acolhedoras e inclusivas, pois a forma como nos comunicamos, ouvimos e expressamos dizem muito sobre nós e o que queremos.

Os nossos desafios para pensar e praticar uma comunicação popular podem ser também a nossa maior potência. Quando enfrentamos os desafios presentes entre nós, nos fortalecemos mais e as nossas estratégias políticas são revigoradas. Para isso, é importante valorizar as trocas de saberes e legitimar a autonomia das mulheres nas formas de se comunicar, para que cada uma possa falar por si e não dentro de padrões estabelecidos que pretendem ser “adequados”, mas, na verdade, não contemplam todas nós.

E, como podemos ser mais inclusivas? A comunicação popular é um caminho, mas como torná-la verdadeira na ação e não apenas na ideia? A comunicação popular só será possível quando as mulheres negras, periféricas, lésbicas e trans estiverem dentro dela e de posse de ferramentas que ajudem na comunicação. Muitas de nós desejam ser parte de quem comunica, mas não

têm um aparelho celular, um computador. Como democratizar o acesso a essas ferramentas?

Somos potentes na arte de comunicar, somos criativas, ousadas e corajosas e, em tempos cada vez mais silenciadores, opressores e violentos, é necessário (re)construirmos estratégias de dentro para fora e de fora para dentro, verdadeiramente radicais, afetivas, acolhedoras, antirracistas, anticlassistas, anti LGBTfóbicas.



# SOMOS TODAS AS MULHERES

“Companheira me ajude  
Que eu não quero andar só  
Eu sozinha ando bem  
Mas com você ando melhor”

A mulher está na luta  
Na força e no poder

A mulher está rua  
Com vontade de vencer

A mulher que não depende  
A mulher que corre atrás

A mulher que não se abate  
Também querendo mais

Tem mulher dona de casa  
Mulher de competência  
Mulher unindo forças  
Até na presidência

Somos todas as Mulheres  
Somos todas as Mulheres  
Somos todas as Mulheres

Fórum de Mulheres  
de Pernambuco

**Comunicação de Guerrilha e Cuidados Digitais: estratégias de resistência feminista** é uma publicação que sistematiza os debates realizados nas oficinas de mesmo título, realizadas pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco entre fevereiro e julho de 2019.

### **Participantes das oficinas:**

Aline Fagundes da Silva	Ilka Guedes dos Santos
Aline Souza	Irani de Almeida Brito
Ana Cecília N. Cuentro	Irani Elias da Silva
Anabelly Brederodes Campos Silva	Isis Carina Braz
Aryella da Silva Leite	Izaura Gomes
Carmen Silva	Janaína Freitas
Cristiana Cavalcanti	Larissa Santiago
Daniele Braz da Silva	Liana Araújo
Déborah Guaraná	Lorena Taulla Vieira
Denise Maria Moura e Silva	Luana Ferreira
Edicleia Santos	Lucilene Cristiane Mattos
Edilene Alves dos Santos	Maria Aparecida Amado de Oliveira
Eduarda Amélia Nunes	Mércia Alves
Elza Sayaka Fukushima	Micaela Nunes de Almeida
Elzanira da Silva	Neide Maria da Silva
Emanuela Marinho	Pergentina de Alcântara Vilarim
Gabriela Falcão	Priscilla Auilo
Giovanna Araújo de Oliveira	Sophia Branco
Ianah Maia de Melo	Sueli Valongueiro

## **Coordenação do projeto**

Cris Cavalcanti, Déborah Guaraná, Emanuela Marinho e Sophia Branco

## **Organização**

Fórum de Mulheres de Pernambuco

## **Sistematização e textos**

Cecília Cuentro, Déborah Guaraná, Gabriela Falcão, Neide Maria da Silva e Sophia Branco

## **Revisão**

Déborah Guaraná, Gabriela Falcão e Sophia Branco

## **Projeto gráfico, capa, ilustração e diagramação**

Tainá Palhano (Tn)

As oficinas deste projeto foram realizadas com financiamento do **Fundo SAAP/Fase**, através do edital “Agitando pensamentos: reagindo para transformar a sociedade” e da **Escola de Ativismo**, através do edital “Oficinas de Cuidados de Digitais”.

Esta publicação foi produzida com recursos do edital “Oficinas de Cuidados de Digitais”, promovido pela **Escola de Ativismo**, e impressa com apoio do SOS Corpo – Instituto Feminista para Democracia.

Recife, 2020

## **Fórum de Mulheres de Pernambuco**

comunicacaofmpe@gmail.com  
instagram: @forumdemulherespe  
facebook: /forumdemulherespe

## **Articulação de Mulheres Brasileiras**

www.articulacaodemulheres.org.br  
instagram: @ amb\_feminista  
facebook: /amb.feminista  
Twitter: @amb\_feminista





Realização:



Apoios:



ISBN: 978-65-87864-01-3

CD



9 786587 864013